

HELOISA BUARQUE  
DE HOLLANDA (ORG.)

As 29 poetas  
hoje



Valeska Torres

Bell Puã

Yasmin Nigri

Dinha

Marcia Mura

*as autoras*

*referências dos poemas já publicados*

*créditos*

*Para Julinha e Violeta, poetas sempre*

*Sem a pesquisa e a colaboração  
de Julia Klien, provavelmente  
essas poetas nunca teriam  
chegado a mim.*

## É importante começar essa história de algum lugar, ainda que arbitrário

Heloisa Buarque de Hollanda

### O EFEITO ANA C.

Já ouvi dizer que tudo começou com Ana Cristina Cesar. A afirmação é um pouco radical, mas é recorrente em quase todos os depoimentos das poetisas que a sucederam. A atração que Ana C. despertou e desperta é um assunto longo, cheio de hipóteses e subtextos.

Mas trago Ana C. aqui por outro motivo. Quero chamar a atenção, neste momento de explosão feminista, para sua reflexão seminal sobre as relações poesia-feminino-feminismo.

A perplexidade e o interesse obstinado de Ana Cristina em relação ao que seria uma “poesia de mulher” começa com o texto “Literatura e Mulher: essa palavra de luxo”, publicado no n. 10 da revista *Almanaque*, em 1979,\* sobre as antologias recém-lançadas de Cecília Meirelles e Henriqueta Lisboa. Ana examina como se formata ali uma ideia de poesia feminina, baseada nas adjetivações de seus críticos (homens): poesia do sensível, do inefável, tênue, poesia que privilegia o pudor, o velado, o inviolado. Ana não estava desmerecendo Cecília e Henriqueta. O que interessa aqui para Ana Cristina é como a crítica induz a leitura dessas poetisas, consolidando a noção de *poesia de mulher* no Brasil. Ana adverte: “Por trás dessa concepção fluídica da poesia um sintomático calar de temas de mulher”.

Ana escreve esses textos no auge da terceira onda feminista, cujo discurso, de certa forma, também critica. Diz ela sobre a

poesia feminista daquela hora: “Onde se lia flor, luar, delicadeza e fluidez, leia-se secura, rispidez, violência sem papas na língua. Sobe à cena a moça livre de maus costumes, a prostituta, a lésbica, a masturbação, a trepada, o orgasmo, o palavrão, o protesto, a marginalidade. [...] A nova (?) poética inverteu os pressupostos bem-comportados da linhagem feminina e fez da inversão sua bandeira”. É quando se coloca a pergunta inevitável: “Seria possível mexer com ‘literatura de mulher’ (seja lá o que for isso) sem ocupar o lugar do feminismo nem cair na confusa ideologia do eterno feminino? [...] Onde ancorar esse conceito? Não seria melhor deixá-lo à deriva, errante conforme nos sopra o que há de feminino na linguagem?”.

Na minha leitura de Ana C., a preocupação sobre como uma mulher pode significar seu desejo ou seu lugar é a busca obstinada de sua poética. Assim, a escrita de mulheres não deveria nem calar seus temas nem aderir a fórmulas poéticas ou políticas: deveria ser uma escrita à deriva, livre de amarras.

Entretanto, Ana é bastante afirmativa quando, ao definir como exemplar a poesia feminina de Angela Melim, valoriza sua “voz muito próxima, pé do ouvido, linhas cruzadas”. Proximidade, interferências, confidências, escuta. Únicos e vagos traços, segundo Ana, do que seria identificado como “escrita de mulher”.

Numa leitura bastante pessoal, eu diria que Ana C. não chegou a definir o que para ela seria uma poética de mulheres, mas sem dúvida perseguiu, determinada, uma estratégia da poesia de mulheres em busca de uma escrita livre das marcas da delicadeza e da sensibilidade, uma escrita suficientemente porosa que pudesse acolher os tais “temas de mulher”. Esse me

parece o papel funcional e estratégico da intimidade, do segredo, do pé do ouvido, do jogo simulado e cruzado com seu suposto leitor, que Ana defende com garras e dentes para a poesia de Angela Melim.

Podemos dizer, ainda que de forma meio arbitrária, que Ana foi o solo do que eu chamaria de jovem cânone da poesia de mulheres, a saber: Angélica Freitas, Marília Garcia, Alice Sant'Anna, Ana Martins Marques e Bruna Beber.

Muitas poetas surgem nessa geração marcada pela voz das mulheres. Cito, assim de cabeça, mais algumas de que gosto muito: Laura Liuzzi, Annita Costa Malufe, Micheliny Verunschik, Sofia Mariutti, Julia de Souza, Júlia Hansen, Ana Elisa Ribeiro, Ryane Leão, Ana Guadalupe, Ana Estaregui e Mônica de Aquino. Devo estar esquecendo outras tantas, mas a memória falha.

#### INVENTANDO UM JOVEM CÂNONE

Estabelecer por livre e espontânea vontade um cânone tem uma quota de ironia, mas me permiti esse abuso porque tomo aqui cânone em seu sentido original de *κανόνας*, vara utilizada como medida. Justifico a escolha desses nomes, entre tantas excelentes poetas que surgiram nos últimos anos, por dois motivos. Essas poetas são as que, com mais evidência, experimentaram o legado, ou, melhor dizendo, o efeito Ana C. E também porque, até segunda ordem, parecem ser as que mais influenciaram e mesmo se constituíram como referência para a poesia mais jovem praticada hoje entre nós. Intrigada, fui procurar a ligação delas com Ana Cristina. A cada uma pedi um pequeno testemunho sobre a poeta.

Entre essas cinco poetas, Alice Sant'Anna (Rio de Janeiro, 1988) parece ser sua herdeira mais direta. Seu encontro com a poeta soa definitivo. Diz Alice:

Ana C. foi a primeira poeta que li por vontade própria. Tinha alguma coisa muito misteriosa ali e ao mesmo tempo totalmente às claras. A graça sempre foi pescar uma nesga, uma informação incompleta, cifrada, como ouvir o pedaço de uma fofoca ou interceptar um bilhete escrito para outra pessoa. [...] Ela virou minha principal referência.

A poesia de Alice transpira o desejo de decifrar Ana C., bem como uma paixão explícita pela poesia japonesa. Escolho um trecho de um de seus últimos livros, cujo título, sintomaticamente, é *Pé do ouvido* (Companhia das Letras, 2016) — uma das modulações mais importantes de Ana Cristina. Este livro é um só poema longo, com todas as digressões permitidas no narrar de uma breve mas intensa história de amor. Trago aqui dois fragmentos escolhidos de forma aleatória:

[...]  
*a diferença entre solitude  
e loneliness qual é?  
depois de certo tempo se cansou do recital  
ouvindo a mulher maquiada demais  
com sotaque irlandês  
prestava atenção não no que ela dizia  
mas no modo como a voz cantava  
quase sem pausas para respirar  
olhava para aquela mulher  
sem entender uma palavra  
como se estivesse apenas folheando um livro  
virando as páginas*



*acompanhando o formato das letras*  
[...]  
*passou o dia quieta como um bicho*  
*entre as árvores coloridas*  
*algumas já desbotadas*  
*algumas já carecas*  
*aquela música, o modo como a voz desliza*  
*para a nota de baixo*  
*sente um nó na garganta toda vez*  
*enquanto assiste*  
*às roupas girarem*  
*no vidro redondo da máquina de lavar*

Alice traduz o encanto com Ana Cristina com uma marcação bastante pessoal. A poesia de Alice é subliminar; escolhe a fluidez, a flutuação — é onde encontra sua voz.

Já Ana Martins Marques (Belo Horizonte, 1977) parece se relacionar com a poesia de Ana Cristina não através do encanto e ainda menos da identificação, mas respondendo à interpelação que a intimidade — enquanto recurso — de *A teus pés* (1982) provoca. Com isso, ganha distância, pensa a literatura e os traços da gramática cênica, corporal e ontológica de sua antecessora. Mantém sua curiosidade à distância e se atira de cabeça na literatura ipso facto, construindo uma poesia que, estranhamente, nasce definitiva. Quando indaguei sobre a relação de sua poesia com a de Ana C., ela me enviou esse comentário que havia escrito no blog da Companhia das Letras:\*\*

Comecei a ler Ana Cristina Cesar na adolescência, naquele pequeno volume rosa (vermelho?) da editora Brasiliense que reunia três livros seus, com o título de *A teus pés*. Saí de cada leitura desse livro

com a impressão de ter sido lançada em cheio numa intimidade estranha, que ao mesmo tempo me interpelava e me mantinha à distância. Como quem descobre por acaso as cartas de amor de um desconhecido. Ou chega sem ser convidado a uma festa e, em trânsito pela sala, capta o burburinho das conversas já começadas. Essa sensação era produzida sobretudo pelo flerte com a correspondência (o diário, o bilhete, o lembrete, a anotação pessoal), e pela força ambígua dos dêiticos quando usados fora de uma situação enunciativa particular: é para você que escrevo, você. Sempre saí da leitura dos poemas da Ana me perguntando menos sobre aquela que no texto diz “eu” do que sobre aquele/aquela em que me via transformada pela força dessa interpelação. Aprendia aí alguma coisa sobre a poesia, alguma coisa que tem a ver com destinação, desejo e drama. Ou com cena, segredo e sereias. Ou com texto, tesão e teatro. Ou com corpo, conversa e corte. Foi ainda a essa solicitação ambígua que procurei responder, muitos anos depois, com um poema-carta que publiquei no meu primeiro livro, endereçado simultaneamente a ela e a você, sim, você:

### **Self safári (Carta para Ana C.)**

*Ciganas*  
*passeando*  
*com um rosto escolhido*  
*por paisagens cegas de palavras*  
*traduzidas*  
*inconfessas*  
*rabiscos*  
*ao sol.*  
*Cotidianas*  
*vivendo dias de diários*  
*e mentindo descaradamente*  
*nos silêncios das cartas*  
*(selos postais*  
*unhas postiças*

*versos pós-tudo).*  
*Fulanas*  
*de nomes reversíveis*  
*para ir e voltar*  
*sem sair do lugar:*  
*self safári*  
*por essa paisagem toda*  
*que no fundo*  
*Ana*  
*nada tem a ver conosco.*

Conta Marília Garcia (Rio de Janeiro, 1979):

O contato com o *A teus pés* foi fundamental. Eu li o livro pela primeira vez com dezoito anos e me lembro da estranheza de tudo, de certo ar de mistério, da combinação de coisas que pareciam familiares mas que escapavam do entendimento do leitor, que não podiam ser entendidas... Nessa época, através de uma professora, conheci a tese da Maria Lucia Barros Camargo sobre a Ana Cristina Cesar. Copiei trechos inteiros das análises da Maria Lucia sobre intertextualidade em Ana C. e passei bastante tempo lendo os poemas pensando nisso, nos diálogos e no processo de escrita. Fui lendo depois outros textos dela, críticas, resenhas, traduções, e foi como um ateliê paralelo aos poemas e que no fim conviviam e podiam ser lidos em diálogo direto com a escrita dela.

Marília minimiza, na poesia de Ana C., a magia da intimidade, dos artifícios e dos reflexos. Em voo aberto, ainda que mantenha certo fascínio pela intertextualidade, sua poesia se desdobra em nova direção, indagando sobre as técnicas e os recursos da linguagem que se quer poética. Feita de poemas longos, persegue o rendimento poético do movimento, do tempo, dos efeitos e/ou recursos do som, e arrasta o leitor em

espirais, ecos, ruídos, idas e voltas, voltas, voltas num profundo estranhamento do entorno espaçotemporal onde se expressa. Em seu último livro, *Câmera lenta* (Companhia das Letras, 2017), ela minuciosamente propõe um partido intrigante: não cria uma escrita para ser falada, mas uma fala para ser escrita. Os textos, sem pontuação, trazem a marca da presença da fala e compõem um fluxo que ao mesmo tempo se expõe e se pensa durante todo o processo da escrita, como o poema “Em loop, a fala do soldado”, a seguir:

*vivo numa caixa preta  
de vinte centímetros.  
vejo o mundo por um visor,  
no meio de uma cruz  
para mirar as coisas  
prédios estradas objetos cachorros.*

*tudo que passa pelo quadro  
vira alvo, então penso em algo  
linear: você já reparou que algumas imagens  
se repetem? de repente,  
um cisco no olho.  
“eu vivo numa caixa preta”,  
disse. estamos sentados  
lado a lado no trem  
— em silêncio — os dois de calça verde  
e camisa branca.*

*sei que não está tudo bem,  
levanto o olhar tentando alcançar  
o dele e ouço apenas a voz  
de frente para o alvo.  
vivo numa caixa preta, diz,  
e eu não sei como parar*

*a repetição.*

Bruna Beber (Duque de Caxias, RJ, 1984) sobre Ana C.:

Todo mundo acha que ela tem um impacto grande sobre mim, mas eu sempre achei que não tinha, não sinto essa herança. Essa indagação é muito recorrente na minha vida de poeta. Uma vez, conversando com o Armando Freitas Filho sobre isso, ele me disse: querida, os grandes poetas quando se vão deixam um perfume no ar, inescapável. Acho que é por aí.

Realmente, à primeira vista, Bruna não parece reverberar nem o tom nem a poética de Ana Cristina. Mas concordo com Armando quando fala da herança de um perfume inescapável. Bruna respira esse perfume e, ainda que não se deixe tomar por ele, encontra seu ponto de contato com o projeto poético de Ana Cristina. Ela abertamente não se rende e mesmo confronta o “eterno feminino”. Bruna rejeita ambiguidades, segredos e sereias. Sua poesia oferece uma leitura da realidade traçada em linhas cheias, contrastadas, ainda que desconfortável. No poema “Zás-trás”, de *A fila sem fim dos demônios descontentes* (7Letras, 2006), com dicção feita de um humor ansioso, despedaça e desagrega o mote da espera amorosa, um dos favoritos no acervo dos “temas de mulher”:

*estou aqui de pernas  
para o ar agarrada  
ao lustre  
esperando sua visita*

*unicórnios e baratas  
conversam na varanda  
eu sinto sede bebo água*

*na infiltração da cozinha*

*você demora*

*está escuro não há luz*

*de poste vazando pelo vidro*

*trincado da janela*

*há horas atenta*

*aos gritos da campainha*

*quebrada minha perna cruzada*

*do lustre prepara um lindo colar.*

E afinal chegamos ao ponto em que se dá o elo entre a geração Ana C. e a nova poesia feminista. Falo de Angélica Freitas (Pelotas, RS, 1973), a grande referência da poesia feita por jovens feministas. Com Angélica, elas compartilham a procura do que é ser mulher e qual é a expectativa de ser mulher. A noção de que não há uma linguagem sem o corpo. Mas, mesmo marcando uma diferença, sua ligação com Ana Cristina não é menos visceral do que suas contemporâneas.

Foi em 1988. Eu tinha quinze anos e estava matriculada no curso de eletrônica da Escola Técnica Federal de Pelotas. Eu tinha um colega chamado Andrei Cunha, que gostava muito de ler, era filho de um professor do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pelotas. Ele sempre soube que eu gostava de escrever, e era uma das poucas pessoas para quem eu mostrava meus poemas. Um dia, depois de uma aula lá da Escola Técnica, ele me trouxe um livrinho vermelho de uma tal de Ana Cristina Cesar, de quem eu nunca tinha ouvido falar. Levei os livros para casa, devorei o da Ana e quase não acreditava no que estava lendo. Lembro de achar esse livro muito diferente de tudo. Já tinha lido Drummond, Bandeira, mas quando eu abri *A teus pés*, de Ana Cristina Cesar, foi como se uma bomba caísse sobre mim. Mudou tudo. Minha

maneira de ler e escrever poesia. Era um registro poético bem diferente de tudo que eu estava acostumada a ler. Alguns dias depois devolvi o livro para o meu amigo e só fui conseguir comprar a minha própria cópia de *A teus pés* na metade dos anos 1990, quando fui estudar jornalismo lá na UFRGS, em Porto Alegre. Eu me lembro de ficar procurando pelas livrarias e sebos livros de mulheres poetas que pudessem ter o mesmo impacto que *A teus pés* teve na minha vida, e só anos mais tarde aconteceu algo parecido, quando achei numa livraria de Porto Alegre o *Finesse e fissura*, da Ledusha. Não sei se sou necessariamente influenciada pela poesia de Ana Cristina Cesar, talvez não consiga ver essa influência, mas acho que ela me abriu olhos e ouvidos para outros registros possíveis de poesia. Além de, claro, me tirar do eixo.

De Angélica, trago aqui fragmentos de seu livro *Um útero é do tamanho de um punho*, que, ao que tudo indica, parece ser o *A teus pés* da novíssima geração. Retiro o primeiro fragmento da série “Uma mulher limpa”, que abre o livro:

*uma mulher muito feia  
era extremamente limpa  
e tinha uma irmã menos feia  
que era mais ou menos limpa*

*e anda uma prima  
incrivelmente bonita  
que mantinha tão somente  
as partes essenciais limpas  
que eram o cabelo e o sexo*

*mantinha o cabelo e o sexo  
extremamente limpos  
com um xampu feito no texas  
por mexicanos aburridos*

*image  
not  
available*



Ganhei uma bolsa Petrobras para escrever durante um ano. Meu projeto era esse livro (*Um útero é do tamanho de um punho*), e eu me perguntava o que seria escrever sobre a mulher do jeito que eu queria. Comecei a pesquisar textos sobre o corpo da mulher e sobre como dar forma ao corpo nos poemas. Vi que não havia nada em poesia sobre o *assunto* mulher. Como leitora de poesia, vi que a poesia feita por mulheres no Brasil não me representava. Só as americanas. Poetas lésbicas não tinham voz. Ser uma grande poeta dentro das regras não me interessa. Essas regras foram propostas pelos homens. E comecei a pesquisar o que é dizer. Eu queria ver o que a poesia pode suportar. Poesia é uma investigação séria. Ler outros poetas, é importante estudar para escrever.

Resumindo: Angélica abriu para as jovens o caminho da desobediência, do corpo, de que escrever é investigar o avesso das regras que regem a poesia. Ao mesmo tempo, Angélica é, em sua geração, a que mais abertamente explicitou sua posição feminista.

AGORA, 29

Diante da onda feminista que nos surpreende hoje, me fiz uma pergunta inevitável: existe uma poesia feminista? Por outro lado, uma segunda pergunta atropela a primeira: seria possível nomear uma poesia como feminista? Não estaríamos promovendo um reducionismo perigoso? Não me sinto confortável chamando essa nova poesia de feminista. Prefiro pensar no impacto do feminismo nessa nova geração de mulheres. Prefiro pensar numa poética que, agora, passa a ser modulada por uma nova consciência política da condição da mulher e do que essa consciência pode se desdobrar em linguagens, temáticas e dicções poéticas.

*image  
not  
available*

COMO ~~ESCAPAR EM CASO DE INCÊNDIO~~

~~Toque a porta com a mão. Estando fria, abra vagorosamente ficando atrás dela. Se estiver quente, vede as frestas por onde entrar fumaça com panos molhados~~

Este poema — um texto originalmente normativo para fuga em caso de incêndio —, através de rasuras, ganha sentidos fortes, sensuais e, ironicamente, nada normativos. A rasura, instrumento gráfico que evidencia a busca do texto correto, permitido, desejável, lembra o que foi dito e cortado, excluído, o que sobra.

No que diz respeito à introdução definitiva dos “temas de mulher”, o parto surge recorrente em vários formatos e cenários. Exemplo disso é a poética que nos toma de surpresa de Marília Floôr Kosby, cujo livro *Mugido (ou diário de uma doula)*, é um registro poético e brutal de partos, nascimentos, violências, espanto, animalidade:

*angélica,  
o parto de uma vaca  
não é uma coisa  
simples  
envolve um útero  
imenso  
que rebenta  
e frequente não raro  
o lado de fora  
  
um rebento imenso!  
[...]*

A menstruação também é cantada em vários diapasões, como na poesia sem disfarces de Ana Frango Elétrico:

*image  
not  
available*

*image  
not  
available*

*image  
not  
available*

## a moral

podia escrever  
um poema  
de amor  
para o  
fato de  
que atravessamos  
todas as ruas sem respeitar os semáforos eu

vejo um  
atrevido de  
sua parte  
não ter  
medo de  
morrer sua  
certeza que  
os carros vão parar para você passar eu

pararia eu  
ainda paro  
fico olhando  
fingindo não  
olhar na  
contraluz os  
seus ossos  
seus pelos  
não aparados  
o seu pau que não chupei porque você não deixou

*image  
not  
available*



e matutino, potro poeta e menino a quem dedico horas  
de trabalhos não forçados: pousar a fuça exausta  
em tua soldra, levemente triste

de não poder ver tua cara enquanto gozas na minha  
para depois admirar tuas quartelas bordo e casco,  
tuas estrias no lombo de potro bem alimentado crescido  
mais rápido que o previsto. pulaste as cercas do estábulo  
para chegar, poeta e cavalo, nestas paragens onde  
me encontras pronta de sela, esporas postas

para mais uma doma nesta sodoma aos avessos  
sem cabresto nem gamarra deito-me devota em teu garrote  
de puro-sangue belga e muda diante dos músculos  
do teu costado aguardo brião e tala e entendo  
o poema alemão que diz: toda a sorte que há  
no mundo vem no lombo de um cavalo.

*image  
not  
available*

6.

Sou um leão.

Descobri ontem.

Não tenho nome — também não quero  
ser mais chamado pra nada.

Estou rosnando e é tudo  
muito novo, compreensível.

Estou bem.

Quando cruzarem comigo na cidade  
façam carinho na minha juba.

Cantem uma música pra eu dormir.

*image  
not  
available*

## Ana Carolina Assis

(São Gonçalo, 1991)

Em viva-voz: <https://qrgo.page.link/aS6EH>

aos 16 parou de tocar piano os pássaros e a  
geografia dos homens

*para a joana*

a luz laranja  
atravessava a pedra  
era impossível

sobre a rocha gigante  
de trás do vidro  
antes da fome

da rocha aparente  
manchada laranja

não sei se musgo  
líquen raiz

criavam liga  
e uma pedrinha  
equilibrada  
era impossível

e seria preciso  
derrapar o carro

*image  
not  
available*

mariana

groselha rala das lancheiras

na garganta

caramelo viscoso de rio

carne pouca pra tanto lodo

a criança

olhos de gafanhoto

água às vezes deixa um cheiro de bicho nas  
coisas

bicho — água que escorre dentro d'água  
estufando piso e farpa dos móveis

as coxas — malha puída de nova

que uma barba crespa

rasga

e carrega nos ombros

.

parecem bombas a mãe dizia

parecem bombas de sucção a mãe dizia

os ralos regurgitando carne e atraso pros jantares

devolvendo a gelatina das coisas

exigindo dos tijolos o que eles não tinham

parecem sangue do meu sangue a mãe dizia

*image  
not  
available*



**Elizandra Souza**

(São Paulo, 1983)

Em viva-voz: <https://qrgo.page.link/mwABt>

## Em legítima defesa

Só estou avisando, vai mudar o placar...

Já estou vendo nos varais os testículos dos homens,  
que não sabem se comportar

Lembra da Cabeleireira que mataram, outro dia,  
... E das pilhas de denúncias não atendidas?

Que a notícia virou novela e impunidade  
É mulher morta nos quatro cantos da cidade...

Só estou avisando, vai mudar o placar...

A manchete de amanhã terá uma mulher,  
de cabeça erguida, dizendo:

— Matei! E não me arrependo!

Quando o apresentador questioná-la  
ela simplesmente retocará a maquiagem.

Não quer estar feia quando a câmera retornar  
e focar em seus olhos, em seus lábios...

Só estou avisando, vai mudar o placar...

Se a justiça é cega, o rasgo na retina pode ser acidental  
Afinal, jogar um carro na represa deve ser normal...

Jogar a carne para os cachorros, procedimento casual...

*image  
not  
available*

## Universo das saias

Saias!

Saia!

Aia!

De saias, elas despem as aias!

Arrumam o turbante

Sai com os olhos brilhantes...

Despedem da mucama...

Com um tapa estalado na face da Sinhá!

Ela passou de Aia a universitária!

Saiu dos cômodos do lar para os caminhos das alamedas

Saia, que a mulher de saias, além de passar, permanecerá

*image  
not  
available*

nos querem sem identidade sem memória para que não  
possamos viver a verdade

fruto de autonomia e vida em harmonia com o bem natural  
parte do que somos

Na senzala, favela, cidade ou aldeia

meu coração é natural da terra

reformatórios, orfanatos, igrejas, estado, nem prisões

podem prender as batidas de seu som

é um dom originário vindo das constelações

o maracá e as árvores seu santuário

que sobrevivem em um mundo ordinário

vocês querem dominar meu imaginário

mas meu pensamento é semente embrionária

então não venha com sua maquinária

a sabedoria é ancestral não doutrinária

desse sistema não quero ser funcionária

crio minha própria culinária

*image  
not  
available*

**Bruna Mitrano**  
(Rio de Janeiro, 1985)

Em viva-voz: <https://qrgo.page.link/d7X8m>

semente de abóbora cura solitária  
quem não é  
que tem estômago pra lembrar de ser menina  
mãe de leite de vínculos me perdi  
no desamparo ela ouviu de novo  
a panela de ferro  
o grunhido do porco que demora pra morrer  
com o facão enterrado no couro  
sangra cada dia da idade dos homens do cafezal  
os que comem até os intestinos  
e têm rasgos na cara mas  
dentro da botina a sola é tão fina que dói.

*image  
not  
available*



de recolher as toalhas usadas  
vê o encardido nas pontas  
e percebe  
esfregando as toalhas  
(parecem de pelúcia)  
no rosto  
(parece de criança)  
que sua mãe está velha  
pra satisfazer os desejos dos donos  
da casa e que logo será você  
a satisfazer os donos  
da casa que dizem é também sua  
mas que você nunca conheceu inteira  
nem nunca subiu na cadeira  
brincando de a mestra mandou  
coroadada de raízes do quintal —  
a cadeira, o chão, as paredes, os cômodos todos  
sujos de terra.

*image  
not  
available*

que decanta  
do flagrante

indesculpável  
de uma vida  
cingida no  
perímetro alado  
de um falso  
medo